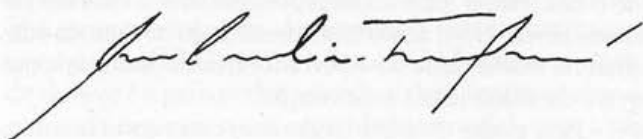


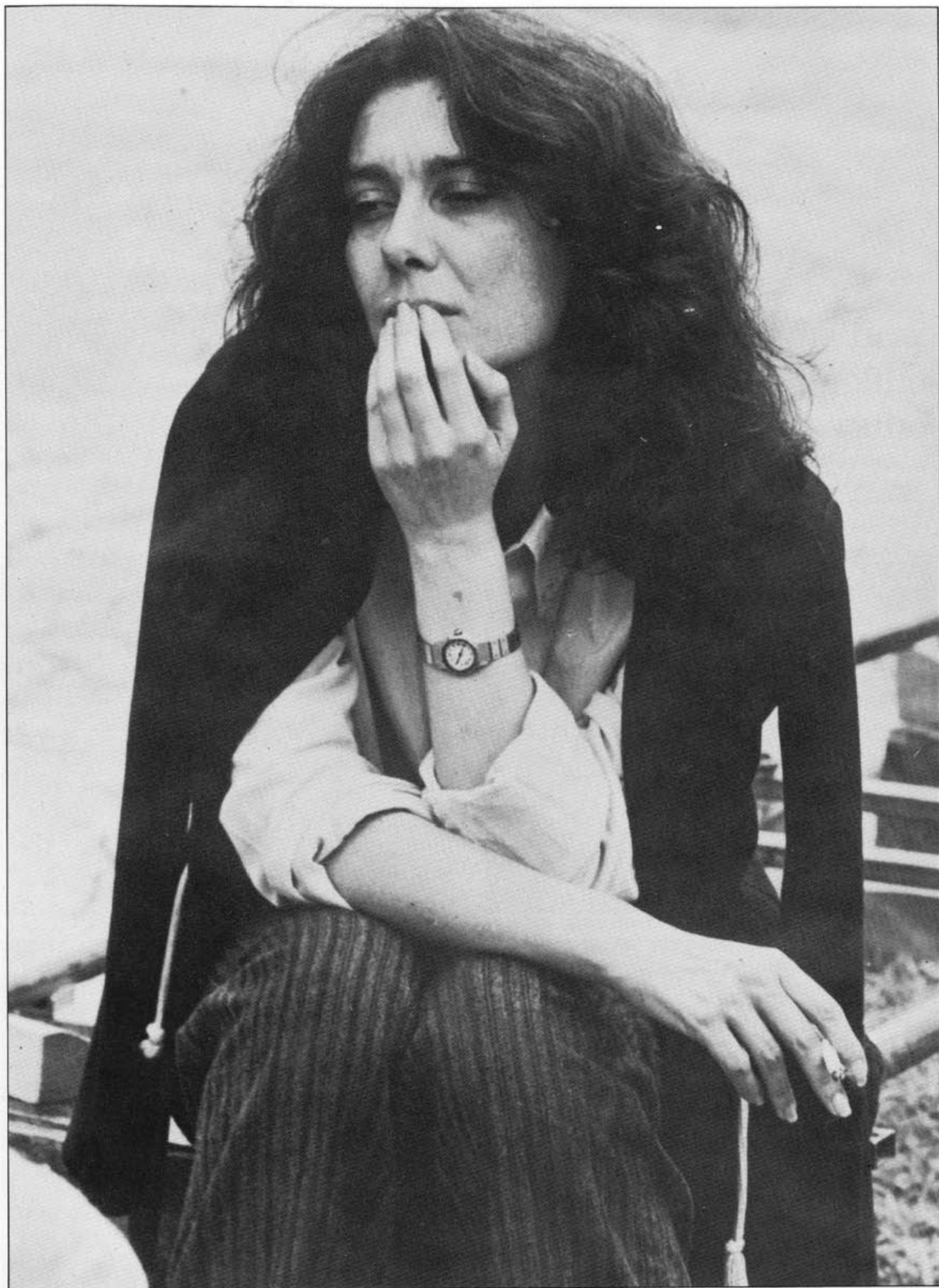
A poesia improvável

A palavra é o que leva e trai

*"Oh, Senhor!
Tende piedade de todos aqueles que, sem asas, se
atiram de muros de menos de um metro de altura".
(Texto do filme Das Tripas Coração)*

Para mim meus roteiros não são difíceis e se porventura o são para o público tanto pior pra ele. Ou tanto pior pra mim. Não sou eu que devo esclarecer o que é ou não difícil num roteiro de Ana Carolina. O meu humor é cristalino. Minha temática salta aos olhos de qualquer desavisado. Identidade e sexo. Ou não? Eu não sou crítico. Eu não sou psicanalista. Eu não sou intelectual. I am a Filmmaker!? Posso falar de cinema? Talvez possa falar de cinema brasileiro. Pobre, arrogante, megalomaniaco, criativo, deformado, sem humildade - como eu - para tentar crescer saudável, aprendendo e apreendendo o que o cinema deve ser. Um cinema infantilmente perverso que vive a impossibilidade da formação de quadros profissionais e por isso alimentado pela inveja. Um cinema que ainda é autofágico e auto-indulgente. Deixou para trás a antropofagia, sem nem sequer usá-la. Dizer mais seria mentira. Firulas. Além do que, esse indulgente olhar para o próprio trabalho me cansa, e serve a poucos. Chega de self-explanation! Existe a mágica dos meus roteiros, isso, sim! Mas, não devo falar dela. Existe a dificuldade do cinema, e o cinema é muito maior do que eu. Transformar um monte de dinheiro em luz, e ainda por cima tentar a transcendência, é, sem dúvida, uma tarefa arrasadora. Mobiliza todos os neurônios. Invade todas as células. Paralisa qualquer outro desejo. Há pelo menos quinze anos descobri que o fracasso e o desejo insatisfeito têm o mesmíssimo gosto. O sabor está no impulso. Assim, comecei a fabricar imagens. Comecei a devassa para aprisionar (na tela) as minhas imagens. Como diz Proust: "(...) nós não temos tempo para viver os verdadeiros dramas para os quais estávamos destinados. É isto que nos faz envelhecer". Posto isto, fica bem mais fácil pensar sobre meu trabalho, que nesta época de capitalismo tardio faz com que eu me sinta uma poeta improvável. Como aprisionar sentimentos, pulsões, afetos e transformá-los em destino? Tarefa da imagem. Em mim, a impressão é o que imprime! A palavra é o que leva e trai. Eis a minha tarefa. Para sempre. Confesso que não faço filmes porque desejo. Pensei que podia ser assim. Mas, não. O que eu desejo é ser amada em paz. Faço filmes por necessidade.





Ana Carolina Teixeira Soares: o fracasso e o desejo insatisfeito com o mesmíssimo gosto.